



Ano II — N. 13
(Mar 61)

Coordenador: Maj AMERINO RAPOSO FILHO

SUMÁRIO

BASES FILOSÓFICAS

Doutrina Militar Brasileira: Algumas Considerações

Maj Everaldo de Oliveira Reis.



TEORIA DE GUERRA

Teoria de Guerra é o trabalho científico que se destina a determinar os princípios intrínsecos, extrínsecos e de ação do fenômeno por excelência social, que é a Guerra.

A teoria da guerra representa a parte superior, subjetiva da guerra.

DOCTRINA DE GUERRA

Doutrina de Guerra representa um primeiro estágio na Teoria de Guerra, para determinado país e numa determinada situação. A dependência da doutrina a elementos concretos, mostra-nos desde logo, que ela não pode ser nem imutável, nem geral, sendo então, somente aplicável àquele país e numa determinada época.

Sendo a Guerra um fenômeno social, cada agrupamento humano imprimirá suas características próprias e peculiares à aplicação das Leis e dos Princípios de Guerra, surgindo assim, não uma nova Teoria, mas algo dela derivado, que se convencionou denominar Doutrina de Guerra.

REGULAMENTO

Ao executante não interessa o domínio das concepções subjetivas, como acontece em alto grau na Teoria de Guerra e, em menor escala, na Doutrina de Guerra, porém, algo concreto, que lhe sirva de guia na realidade do campo de batalha, isto é, o Regulamento.

Então, é o Regulamento o repositório de normas e procedimentos para os executantes. Traduz o pensamento doutrinário, o modo operatório em situações diversas. Constitui um todo harmônico e homogêneo.

BASES FILOSÓFICAS

DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Maj EVERALDO DE OLIVEIRA REIS

NOTA DO REDATOR

A própria introdução apresentada pelo autor — culto e excelente oficial de Estado-Maior, inteiramente devotado aos misteres profissionais e debruçado sobre a Realidade Militar Brasileira — basta para ressaltar a valia do tema desenvolvido, no sentido de estruturar-se uma Doutrina Militar Brasileira.

Na verdade, tal imperativo está no consenso de todos os camaradas. Nos Estados-Maiores e na Tropa, o que hoje se isola como tema obrigatório nos diversos trabalhos que se empreendem é a evidente necessidade de reformular-se o Problema Doutrinário em bases condizentes com a Conjuntura Nacional e Mundial.

Ao agradecermos ao amigo Major Everaldo sua colaboração renovamos o apêlo, a êle e a todos os camaradas para que continuem meditando e escrevendo artigos sobre Doutrina Militar Brasileira para publicação em nossas colunas.

Maj A. Raposo Filho

Vínhamos assistindo mais ou menos, platônicamente, à campanha de alguns companheiros a favor da criação de uma Doutrina Militar Brasileira. Concordávamos que algo deveria ser feito. Entretanto, não estávamos convencidos de que já houvesse clima que justificasse a oportunidade da idéia.

Recentemente, trabalhamos lado a lado, durante uma quinzena, com companheiros de todos os postos, num Regimento de Cavalaria e num Grupo de Artilharia. E em todos, sem exceção, encontramos ansiosa expectativa pela reformulação dos problemas profissionais.

Não era mais possível, nos omitirmos. Este o motivo de nossa presença. Vale apenas como um aplauso, aos que aqui nesta coluna de há muito profiam.

O que será uma Doutrina Militar Brasileira?

Acreditamos que seja a maneira pela qual, a Sociedade Brasileira terá que resolver o crucial problema da guerra, quando êle se apresentar.

É evidente portanto, que em linha de conta entrarão as características do grupo social brasileiro.

Estas características não são imutáveis. Os aspectos sociais, mercê de Deus, nós os conservaremos. Os aspectos econômicos porém, continuarão variando através dos tempos. Se a Doutrina é função destas características, não poderá ser rígida. Ao contrário, os que por ela estejam responsáveis deverão manter atentos ao pulsar do país, a fim de que a mesma jamais se divorcie das reais possibilidades do Brasil.

Quais os aspectos a considerar no estabelecimento de uma Doutrina Militar Brasileira? Não são evidentemente aspectos otimistas. Somos um país subdesenvolvido, com 70% de analfabetos. Apresentamos um elevado índice de incapacidade médica, nas inspeções de saúde, que visam ao recrutamento militar, em tempo de paz, quando as exigências são muito abrandadas. Temos um Parque Industrial incipiente, valendo ainda, mais pela quantidade que pela qualidade. É bem verdade que com alguns aspectos positivos, como por exemplo o setor das munições e dos armamentos. E a própria indústria automobilística, com todos os seus paradoxos, parece já nos poder equipar com veículos automóveis sobre rodas. Acresça-se, que nos últimos anos alguns dos projetos das turmas que concluem o curso de Engenharia Automóvel, bem mereciam atingir Fase Experimental. É de lembrar, que em ocasião da crise, o Parque Industrial do Estado de São Paulo demonstrou grande versatilidade, fabricando até veículos blindados.

Somos todavia um país pobre. E por mais que gritem alguns, dizendo que as Forças Armadas devoram o Orçamento Nacional, o fato é que, com as atuais dotações, estamos mal armados, mal fardados e mal instruídos.

E a que hipótese de guerra teria que responder uma Doutrina Militar Brasileira? É evidente, que três são as mais prováveis. A primeira delas seria a de Guerra Insurrecional. As condições socio-econômicas do país, em particular de algumas regiões, apontam-nos como possível

palco para eclosão de um conflito desta espécie. Por outro lado, devemos cultivar ao máximo nossas possibilidades de desencadear ação deste tipo, contra potência mais forte que se aposses de parte do território nacional. Não seria aliás, a primeira vez que assim procederíamos.

Dentro do que nos pareceu a mais correta probabilidade relativa de adoção, segue-se a hipótese da participação num conflito bélico, como membro da ONU. Temos através dos tempos e até esta data, cumprindo os acórdos a que nos obrigamos. Não seria agora, que falhariamos. Muito pelo contrário, talvez tivéssemos até que enfrentar, simultaneamente, as duas hipóteses acima formuladas.

Por último viria a suposição da guerra continental, cada vez, graças a Deus, mais remota.

E que instrumento construiríamos para executar a Doutrina criada? É evidente que se não pode criar uma panacéia. Trago a público, algumas considerações que tenho colhido aqui e acolá. O instrumento que se criar terá de cogitar desde o tempo de paz da Guerra Insurrecional. Impõe-se desde logo dar eficiência operacional às GU que venham a constituir-lo. Como a nação não suportará um aumento em suas despesas militares, far-se-á mister diminuir o número de Divisões no tempo de paz; as que permanecerem porém, serão reorganizadas de molde a responder instantaneamente as duas primeiras hipóteses formuladas. Aproveitar-se-á cada vez mais, tudo aquilo que a indústria nacional nos ofereça, mesmo que isto implique em usarmos na Paz, material apenas equivalente ao que usaríamos como membro de uma Fôrça das Nações Unidas. A Instrução de Quadros passará a ser a preocupação máxima de todos os comandos. E a formação e preparo profissional do oficial da reserva merecerá cuidados especiais. Em contraposição, dêle será exigida a prestação do serviço militar obrigatório por um ano. Ser-nos-á então possível, diminuir a formação anual de oficiais da ativa, com evidente economia de numerário.

Enfim, procurar-se-á criar instrumento simples e ao mesmo tempo capaz de evoluir de uma estrutura de paz para outra de guerra. Eficiente, que é sinônimo de bem treinado e equipado. Não poderá ser vultoso pois lhe é defeso ser excessivamente oneroso ao país. E deverá, cada vez mais, ser equipado e armado pelo Parque Industrial Brasileiro.

Estas são considerações, mais dos companheiros que nossas, que submetemos àqueles que se lançaram à obra da Doutrina Militar Brasileira. Algumas, possivelmente, falsas, outras ingênuas. Tôdas, porém, buscando colaborar na formação de um Exército Nacional cada vez mais eficiente.



Livros publicados pela BIBLIOTECA MILITAR e que se relacionam com DOCTRINA MILITAR BRASILEIRA :

- 1 — HISTÓRIA MILITAR DO BRASIL (2 Volumes) —
Cel Genserico de Vasconcellos.
- 2 — A BATALHA DO PASSO DO ROSÁRIO — Gen Tasso
Fragoso.
- 3 — CAMINHOS HISTÓRICOS DE INVASÃO — Ten-Cel
Antonio de Souza Júnior.
- 4 — A REVOLUÇÃO FARROUPILHA — Gen Tasso Fra-
goso.
- 5 — LUTAS AO SUL DO BRASIL — Gen F. de Paula
Cidade.
- 6 — NOÇÕES MILITARES FUNDAMENTAIS — Cel J. B.
Magalhães.
- 7 — DO RECÔNCAVO AOS GUARARAPES — Maj An-
tonio de Souza Júnior.
- 8 — HISTÓRIA DA GUERRA ENTRE A T. ALIANÇA
E O PARAGUAI — Gen Tasso Fragoso.
- 9 — COMPREENSÃO DA UNIDADE DO BRASIL — Cel
J. B. Magalhães.
- 10 — EVOLUÇÃO MILITAR DO BRASIL — Cel J. B. Ma-
galhães.
- 11 — OS FRANCESES NO RIO DE JANEIRO — Gen Tasso
Fragoso.
- 12 — REMINISCÊNCIAS DA CAMPANHA DO PARAGUAI
— Dionisio Cerqueira.
- 13 — OS SERTÕES COMO HISTÓRIA MILITAR — Ten-
Cel Umberto Peregrino.
- 14 — RICARDO FRANCO — Gen Silveira de Melo.
- 15 — ANTONIO JOÃO — Gen V. Benício da Silva.
- 16 — NOTAS DE GEOGRAFIA MILITAR SUL-AMERI-
CANA — Cel F. Paula Cidade.
- 17 — CAXIAS E NOSSA DOCTRINA MILITAR — Maj
Amerino Raposo Filho.